

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CLAUDIO AUGUSTO VARELA AYRES DE MELO FILHO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

INTERNET, REVISIONISMO E DITADURA:

Uma breve análise da produção audiovisual 1964 – Entre armas e livros, - tortura

Plano de Trabalho de Conclusão de Curso é requisito obrigatório da integralização do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco e deverá ser apresentado para obtenção de nota para Verificação de Aprendizagem da disciplina de TCC I.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliana Alves de Andrade

Recife- PE

2025

AGRADECIMENTOS

Acredito que a parte dos agradecimentos será sempre, talvez, um ponto de confusão para mim, pois existem sempre muito a ser dito e muito a se agradecer. Assim, fico em dúvida em quais são as melhores para demonstrar a importância das pessoas que sem elas, este trabalho não seria possível. Nesse sentido, segue a minha tentativa.

A começar, é importante frisar que este trabalho não é só meu, pois cada linha, cada palavra escrita, somente foi possível, com o auxílio emocional, financeiro, informacional, de segurança, de lazer, de companheirismo e paciência daqueles que me cercam e me apoiam.

Neste sentido, agradeço primeiramente a minha Mãe, que sem ela não estaria aqui. Não por critérios de nascença, mas por critérios de apoio. Se por qualquer razão cheguei até aqui, a conquista é compartilhada com minha mãe, que SEMPRE, me estimulou nos estudos, além de ser o maior exemplo acadêmico que conheço, pois se a chamassem de filosofia, não teria possibilidade de discordar.

Ao meu Pai, que me possibilitou caminhar por diversos caminhos e explorar diversas áreas do conhecimento. E SEMPRE, SEMPRE, me ensinou a ter humanidade, a olhar outro humano e não ver menos, mas um igual, que merece tanto quanto eu, ser feliz, aprender, amar, ter raiva, e errar. Se os escritos de Paulo Freire, e a indignação com as injustiças do mundo me tocam em algum nível, a ele quem devo.

A minha irmã, por me ensinar que a “brabeza” frente as injustiças é uma qualidade e que a capacidade de alcançarmos nossos objetivos somente se torna possível se fizermos juntos, não separados.

Ao meu irmão, por todo santo dia me lembrar que nada sei sobre o mundo, que o conhecimento é infinito, que podemos aprender de tudo, mas sem disciplina, foco e paciência, não podemos construir nada.

Aos meus amigos, Ana Clara, Camila Guimarães, Eduardo Maia, Pedro Sereno, Lais e Novaes, que me ajudaram de todas as formas possíveis, a continuar, vislumbrar e sonhar, em um mundo onde, a forma que eu penso, é possível de continuar existindo, além de fomentar boas relações, com respeito, amor e apoio mútuo.

A minha companheira, Barbara Muller, parceira que tive a sorte de conhecer no fim desta trajetória, paciente, presente e crítica. Pessoa que possui uma escuta e paciência para uma personalidade como a minha, que é de veras, difícil.

A professora Juliana pela oportunidade de orientação e liberdade para a produção de um trabalho que é importantíssimo para mim.

A Pedro, psicólogo, profissional sem igual, que me ajudou em momentos cruciais na pandemia.

Em memória de Williams, vítima da Covid-19, psicólogo que não poupou esforços em atender os que estavam na linha de frente na pandemia, exemplo de coragem, humanidade e escuta. Ao meu primeiro fã, obrigado.

Peço desculpas aos que não foram citados, mas saibam que vocês foram de suma importância neste trabalho e nesta trajetória. Novamente, este trabalho não é só meu, pois não conseguiria fazer só, é nosso!

RESUMO

O presente trabalho visa analisar sobre a produção audiovisual da plataforma Brasil Paralelo no contexto do fenômeno está sendo nomeado de “pós-verdade. Neste sentido, discursos ideológicos revisionistas encontram mais um espaço para se propagar, aqueles com amplos fundos monetários, são capazes de realizar diversas produções e ter prioridade de divulgação no espaço digital na disputa pela memória. A nossa intenção é problematizar como o discurso revisionista explora o tema da tortura durante a ditadura Empresarial-Civil-Militar. Para isso, usaremos como fonte as narrativas do episódio intitulado “1964 - entre armas e livros”, analisadas a partir da Análise de Conteúdo. Ao analisar essas narrativas, concluímos que, a metodologia revisionista não passou por alterações em sua essência, mas diante dos avanços tecnológicos adquiriu uma nova forma, focada nos estímulos sensoriais com a permanência dos apelos morais, voltados para a emoção dos indivíduos, em especial o medo, no intuito de relativizar, ocultar ou minimizar as fontes que invalidam as suas afirmações, no intuito de que sua narrativa ideológica prevaleça.

Palavras-chave: Pós-verdade – Revisionismo – Brasil Paralelo – Tortura.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the audiovisual production of the platform Brasil Paralelo in the context of the phenomenon being called "post-truth." In this sense, revisionist ideological discourses find another space to propagate. Those with ample financial resources are able to produce diverse productions and have priority for dissemination in the digital space in the struggle for memory. Our intention is to problematize how revisionist discourse explores the topic of torture during the Corporate-Civil-Military dictatorship. To this end, we will use as a source the narratives of the episode entitled "1964 - Between Weapons and Books," analyzed using the method of Content Analysis. By analyzing these narratives, we conclude that the revisionist methodology has not undergone changes in its essence, but in the face of technological advances it has acquired a new form, focused on sensory stimulation with the permanence of moral appeals, aimed at the emotions of individuals, especially fear, in order to relativize,

hide or minimize the sources that invalidate its statements, with the aim that its ideological narrative prevails.

Keywords: Post-truth – Revisionism – Brasil Paralelo – Torture.

1. INTRODUÇÃO

A segunda década do século XXI passa por um desafio que atravessa diversas camadas da sociedade, o acesso imoderado as informações provenientes da internet, em especial aquelas fornecidas pelas chamadas *big techs* e a conectividade excessiva das pessoas aos seus *smartphones*. Em decorrência desse novo modo de vida, a desinformação não ocorre mais pela ausência de informação, mas pela sua abundância, ao passo que o verdadeiro para o indivíduo será aquilo que ele consome nas telas e cria apego emocional.

Com este novo tipo de relação, de produção e distribuição de informações, foi constatada uma nova era informacional, sendo esta chamada de “pós-verdade”, que segundo o dicionário de Oxford define como “Relacionado a ou denotando circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais” (SIEBERT, 2020). A verdade para o indivíduo não provém de um aspecto racional ou objetivo, mas através de informações que atendam às suas ânsias afetivas, as suas crenças pessoais, muitas vezes inflexíveis por conta de sua bolha.

Ao estudar o fenômeno da pós-verdade, Carlos Alberto Ávila (2020) constata que é preciso uma “tempestade” perfeita de fatores para que ela ocorra, que são: 1) Negacionismo Científico, 2) Diminuição da importância/impacto dos meios de comunicação tradicionais, relativização da verdade promovida pelo pós-modernismo, 3) Redes sociais que geram o Efeito Bolha, 4) Queda da valorização da razão, 5) Cultura do Narcisismo, 6) Própria desaparecimento da verdade ao passo que mentiras são ditas de forma compulsiva por líderes populistas, 7) Déficit de atenção, as chamadas “mangueiras da falsidade” (campanhas de propaganda de ódio em massa mobilizando amplos grupos a agirem de maneira irracional).

Neste sentido, em 2019, no contexto de instabilidade democrática, com o fenômeno da pós-verdade instaurado, após a eleição de Jair Messias Bolsonaro em

2018, líder populista, defensor da Ditadura empresarial-civil-militar de 1964, a Brasil paralelo lançou a produção audiovisual, 1964 – entre armas e livros, que se propõe a defender a tomada do poder nacional pelos militares, como uma revolução, sob o pretexto de defesa de uma ameaça comunista no Brasil.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA E DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA

2.1. REVISIONISMO E NEGACIONISMO PARA A HISTÓRIA

Antes de analisar propriamente a produção audiovisual alvo deste artigo, é preciso tomar conhecimento de terminologias essenciais, quais sejam o **revisonismo** e o **negacionismo** para a compreensão do que será analisado. O primeiro conceito surgiu como uma forma dos historiadores vislumbrarem a operação de revisão, reinterpretção de processos históricos, narrativas e explicações sejam oficiais emanadas do estado ou pela academia. Vindo esta revisão historiográfica partir de um caráter renovador de novas abordagens, interpretações ou mudanças político-ideológicas e sociais (MELO, 2014).

Todavia, após a segunda guerra mundial, com a guerra ideológica entre o capitalismo e o socialismo, o termo, revisionismo, começou a ser dotado de negatividade, pois autores como François Furet, Ernst Nolte e Renzo De Felice, começaram a produzir material com tendências apologéticas¹, ao passo que, no intuito de prevalecer a sua ideologia, começaram manipular e negar as evidências no intuito validar sua tese. Neste último caso, a negação das fontes ou do sentido delas é considerada uma variante do revisionismo, chamada de Negacionismo (MELO, 2014). Tendo isso em vista, percebe-se que o revisionismo e o negacionismo não são a mesma coisa, pois a negação de evidências, fontes e provas na elaboração de um argumento ou tese é uma das formas de revisionismo, logo o primeiro engloba o segundo.

Diante deste tipo de publicações, verificando o intuito de manipulação ideológica, na década de 1980, o Historiador e professor Pierre Vidal-Naquet elaborou a obra, **Os Assassinos de Memória: O revisionismo na História**, como forma de resposta, não só em relação ao negacionismo do Holocausto perpetrado por Robert

¹ Pensamento que afirma ser a fé comprovada pela razão.

Faurisson, mas ao método dos revisionistas, dissecando e expondo como essa metodologia não possui compromisso com o método científico ou com a verdade, mas somente com a ideologia de quem escreve.

Seguindo essa linha de raciocínio, uma obra revisionista, segundo Naquet (1988) precisa de alguns recortes de informações verdadeiras, o discurso ideológico, bem como fatores e princípios, que foram listados da seguinte forma:

1. Negar ou não levar em consideração provas que vão de encontro a ideologia da classe dominante;
2. Diminuição ou relativização das atrocidades cometidas pelo estado (no caso em questão, nazista);
3. Omitir, relativizar, diminuir ou tratar como falsas as evidências que demonstram a inveracidade dos argumentos;
4. Equiparar vítimas (no caso, judeus) e agressores (no caso em questão, nazistas), como igualmente responsáveis pelos eventos que se seguiram (no caso, segunda guerra mundial e campos de extermínio);
5. O maior perigo da humanidade é a ideologia comunista (no caso, a URSS);
6. Os massacres e torturas cometidas ou são mentiras (não existiram câmaras de gás) ou são usados como propaganda ideológica, já que são muito inferiores ou não foram tão graves como se faz crer pelos seus defensores (poucos judeus foram mortos ou a maiores partes deles imigrou para o leste Europeu).

Constata-se que Naquet ao rebater a obra de Faurisson, demonstra que a afirmação da inexistência do genocídio judeu é proveniente de uma metodologia guiada por uma ideologia que busca, seja omitindo, manipulando, reinterpretando de forma fantasiosa as evidências, justificar as atrocidades cometidas ou até mesmo diminuí-las e se possível validá-las perante a sociedade. Logo, a obra revisionista, não é um feito originário ou uma tentativa de reinterpretação do fato histórico a partir de uma teoria ou método científico, mas a reescrita da história de forma arbitrária, selecionando e omitindo documentos/fontes, no intuito de validar aquela argumentação. Ou seja, o indivíduo ao elaborar a obra não parte da documentação para a criação da argumentação, e sim, inventa a sua tese e busca evidências específicas, para confirmá-la, ignorando, omitindo ou diminuindo a importância de todo o resto documental ou de contexto.

Percebe-se que as produções de cunho revisionista, possuem como intuito basilar confirmar sob qualquer pretexto a sua tese e manipular a percepção das massas, sob o pretexto de criar uma versão “alternativa” ao fato histórico. Conclui-se

que, o revisionismo para os historiadores tornou-se um sinônimo de falsidade, vez que as obras revisionistas, relativizam, diminuem ou negam as evidências coletadas do período histórico em questão, se prestando somente a construir uma narrativa que valide a ideologia.

2.2. DISCURSO DE EXTREMA-DIREITA NA ERA DA PÓS-VERDADE

A revolução francesa de 1789 é o marco da introdução do sistema capitalista no mundo. Sob o lema de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, conforme é ensinado na educação básica. Assim, com a divisão dos deputados na Assembleia Nacional Constituinte, surgem os espectros da Direita e Esquerda. Todavia, a terminologia de extrema-direita teve a sua consolidação, ou sua evidência após os adventos dos grupos nacionais Fascistas e Nazistas da Segunda Guerra Mundial. Evento que causou grande choque na humanidade como um dos marcos de maior terror e atrocidades perpetradas.

Ocorre que, as práticas nazistas nada mais eram que as **práticas colonialistas**, quais sejam, opressão e repressão sob o fundamento moral ou pretexto de guia de civilizatório, exploração da força de trabalho, desumanização e extermínio, mas diferentemente de serem aplicadas a vermelhos, negros e amarelos, foram aplicadas ao homem branco (CESARIÉ, 1948). Nesse sentido, o que definiria as políticas de extrema-direita? Seria, a exploração da classe trabalhadora mesmo que de forma violenta, diminuição ou até mesmo extinção de políticas, direitos e garantias sociais, culpabilização ou extermínio de um grupo específico ou de grupos minoritários como forma de solução econômica, economia como fator essencial acima de todos os outros, como salvador da nação, estado mínimo para a maioria, mas presente para uma minoria.

Com esses ideais, o sistema capitalista, verificando a capacidade de desumanização do discurso e da propaganda nazista ao elencar um inimigo que poderia ser interno e externo, mesmo sendo indivíduos similares e de convívio constante, como perigo a ser exterminado, a exemplo, o mais difundido, o povo judeu, como forma de solução simples para problemas complexos, replicou tal metodologia no combate a ideologia comunista após o fim da segunda-guerra mundial.

Neste sentido, através do terror e do relativismo moral, o sistema burguês, financiados pelos países capitalistas de maior proeminência, no intuito de impedir o avanço de conquistas da classe trabalhadora, como saúde, educação, moradia, etc, **financiaram e auxiliaram** na propaganda de informações falsas, difamação, repressão, tortura, desaparecimento e assassinato de indivíduos nas nações que possuíam mínima chance de legislarem sobre tais direitos e garantias, sob o pretexto de estarem protegendo a respectiva nação de se tornarem comunistas.

A exemplo, no Brasil, como forma de auxílio para a formação da opinião pública, para além do controle administrativo paralelo ou do uso de *lobbying*² sobre o Executivo, foram criados grupos de ação política e ideológica, ao passo que o primeiro destes a ter maior notoriedade nacional **no fim da década de cinquenta** foi o Instituto Brasileiro de Ação Democrática – IBAD, denunciada como uma das operações políticas da *Central Intelligence Agency* - CIA no Rio, como basicamente uma organização de ação anticomunista (DREIFUSS, 1988).

Já em 1962, o IBAD tinha dado origem a dois canais com funções diversas, um deles foi a Ação Democrática Popular – ADEP, que configurava como ação política patrocinada pela estação da CIA no Rio de Janeiro com manejo de campanhas eleitorais e *lobbying*. Outro foi a Incrementadora de Vendas *Promotion S.A.*, que exercia função publicitária do IBAD e da ADEP **nas estações de rádio, jornais, revistas, canais de televisão em todo o Brasil**. Vindo futuramente o IBAD a ser aglutinado pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais – IPES que exerceria a mesma função, com membros do IBAD. (DREIFUSS, 1988).

Assim, a ideologia da extrema-direita foi espalhada de diferentes formas pela classe dominante, inclusive, para além do IBAD, que se classifica como grupo de ação política, por meio de associações de classe como a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP, na sociedade política através das *think -tanks* burocrático-empresariais como a Fundação Getúlio Vargas – FGV e anéis burocráticos-empresariais como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico – BNDE (DREIFUSS, 1988).

² Atividade de um grupo organizado, que através de intermediários, busca realizar pressão sob os representantes do poder público no intuito influenciar nas decisões.

Verifica-se que a classe burguesa no intuito de propagar a sua ideologia, atuou por diversos seguimentos por vários anos, contando com investimento nacional e internacional, no intuito de criar um sentimento nacional anticomunista, qual seja, a naturalização de exploração da classe trabalhadora, através do medo de um inimigo imaginário e desumanizado, validando qualquer ato ou violência cometida aos defensores da classe operária, para que a população não se revoltasse quando tivesse seus direitos tomados sob o pretexto de uma salvação, como aconteceu no Brasil em 1964.

Terminada a guerra fria, não existindo mais o “perigo” comunista, a expansão do capitalismo não cessou e tão logo as crises chegaram à classe trabalhadora. E novamente, essa foi manipulada a crer que, a solução para os problemas de suas vidas e da nação é a diminuição do estado, precarização do trabalho, a eliminação ou culpabilização de um grupo específico ligado a classe trabalhadora e o aumento da sua exploração através de menos direitos.

No Brasil, novamente, diante de anos de investida da mídia burguesa aos governos de “esquerda” do Partido dos Trabalhadores - PT, as jornadas de 2013 marcaram historicamente a instabilidade democrática e o começo de um golpe de estado sobre a presidenta eleita democraticamente (MARTINS, 2024).

Ressaltando o processo de abertura de impeachment na câmara dos deputados, com votos lamentáveis, o destaque foi para Jair Bolsonaro, que exaltou Brilhante Ustra, um dos poucos torturadores da ditadura empresarial-civil-militar condenados civilmente no processo público de número *0347718-08.2009.8.26.0000* pelo Tribunal de Justiça de São Paulo.

Somado a todo esse cenário, com a mudança de relação dos indivíduos com as informações, que agora se encontram em níveis infinitos e disponíveis a todo momento em questão de instantes, não havendo tempo para dúvida ou reflexão devido a velocidade com que se vive e as bolhas virtuais, surge o fenômeno da pós-verdade, em que mais valem os conteúdos que atendam as crenças do indivíduo e tenham cunho apelativo emocional dos que os objetivos e complexos, ao passo que a verdade não se torna importante frente ao que se imagina ser verdadeiro (SIEBERT, 2020).

A exemplo, Sônia Menezes (2021), Historiadora, conta com artigos publicados sobre a temática, em especial **Os vendedores de verdades**: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história, no qual aborda, a luta pela verdade e memória, quando figuras representantes do estado fazem pronunciamentos contrários aos **fatos, documentos e pesquisas**, por simplesmente serem contrárias as concepções pessoais ou ideológicas, vindo de forma concomitante a desprezar os profissionais de pesquisa e educação, em especial os professores da educação básica.

Neste contexto de instabilidade democrática, exaltação a torturadores sem consequência, além de fortes ataques as políticas de um governo dito de esquerda, em 2016 é criada a empresa Brasil Paralelo, na qual se propõe a criar conteúdo imparcial, trazendo uma versão, “alternativa” aos fatos no campo político e da história (MARTINS, 2024). A empresa em questão conta com 4,45 milhões de inscritos no YouTube e mais de 6 mil vídeos, além dos seus programas de streaming, artigos jornalísticos, e projetos de expansão como o projeto mecenas, que se propõe a atuar na educação básica. Vindo a conter a seguinte missão segundo a própria empresa: “A Brasil Paralelo nasceu para resgatar valores importantes para a cultura do nosso país. Abraçamos a missão de retomar o valor da educação que busca a verdade – não relativismo e preferências pessoais”.

Além disso, a empresa, segundo a Brasil de Fato, conta com um vultuoso investimento em publicidade em propaganda nas redes sociais, em especial a *big tech* Meta:

Entre agosto de 2020 e junho de 2024, a empresa investiu R\$ 24,5 milhões em propagandas, de acordo com a Biblioteca de Anúncios da Meta (proprietária do Facebook e do Instagram). É a maior anunciante do Brasil nessas plataformas. E, dos cerca de 68 mil anúncios feitos no período acima, quase 5 mil tinham a palavra aborto. Muitos deles direcionados para obstetras e ginecologistas, pais de crianças e usuários religiosos.

Um cenário de instabilidade democrática, uma empresa surge promovendo uma versão “alternativa” aos fatos históricos, se autopromovendo como livre de parcialidade, mas buscando a verdade e resgate de valores importantes para a cultura do país, contando com investimento milionários em publicidade direcionada a partir dos algoritmos das *big techs*.

3. BRASIL PARALELO - 1964 - ENTRE ARMAS E LIVROS

3.1. PANORAMA GERAL

Feitos os apontamentos necessários sobre revisionismo, extrema-direita, pós-verdade e as diretrizes e produções da Brasil paralelo, sigamos para a análise da produção audiovisual, 1964 – Entre Armas e Livros, de forma sucinta para em seguida analisar o trecho específico sobre as torturas perpetradas pelo estado brasileiro no período de exceção.

O vídeo, disponibilizado em 02/04/2019 na plataforma YouTube, subdividido em 21 subtemas, conta no mês de maio com 11.491.871 visualizações na mesma plataforma, número expressivo que demonstra o alcance da empresa decorrente de seu investimento de mais de 24 milhões de reais em publicidade de seus vídeos. A produção audiovisual, segundo seus criadores, se propõe a narrar o “outro lado” da história, que segundo os próprios, é omitido nas escolas, na mídia e na universidade, pois estes estão dominados pela ideologia de esquerda. Em linhas gerais, o tema central do produto audiovisual é fomentar o medo da suposta ameaça comunista no mundo, e em especial, no Brasil após a segunda guerra mundial e exaltar como legítimos todos os atos cometidos para impedir a suposta “ameaça comunista”, principalmente a ditadura, como grade marco de salvação e prosperidade.

No intuito de manipular os espectadores, o vídeo contém uma série de artimanhas técnicas que são voltados justamente para fomentar o fenômeno da pós-verdade, como sons em momentos específicos para gerar o sentimento de medo ou de urgência/perigo; imagens de documentos e pessoas sobrepostas e rápidas, não se dando tempo de analisar ou pensar, no intuito de “ilustrar o perigo comunista”; entrevistas com supostas figuras de autoridade sobre o tema, para que o expectador gere confiança sobre o que se diz; omissão proposital de fatos e documentos históricos essenciais para se compreender o período; deturpação do conceito de democracia; além do apelo a moralidade e valores cristãos.

Neste sentido, do começo ao fim, o expectador é bombardeado com a propaganda da extrema-direita, na criação do imaginário comunista, não como uma pessoa que busca os direitos sociais do trabalhador, mas como um inimigo, um ser desprovido de humanidade, temível, capaz de fazer o pior dos males e em

contrapartida, aqueles que fazem todo tipo de violação democrática, são vistos como salvadores da pátria.

A metodologia apresentada na construção das ideias do filme analisado, preenche as mesmas características já apresentadas neste trabalho através de Naquet, bem como dos defensores revisionistas dos regimes fascistas do Franquismo e Salazarismo, quais sejam, 1) A guerra se inicia por culpa da esquerda, 2) Havia a existência de uma conspiração esquerdista para constituir um regime pró-soviético, enquanto a direita era moderada e legalista, 3) As verdadeiras matanças foram cometidas pelos comunistas, 4) Regime franquista salvou a Espanha da revolução de se tornar um protetorado soviético, 6) Desenvolveu o país (MELO, 2014).

Neste sentido, verifica-se que não há uma inovação na metodologia de se abordar a temática revisionista, mas sim, uma inovação na forma de produção, buscando aticar todos os sentidos possíveis conjuntamente ao campo sentimental do indivíduo, levando em conta o contexto de pós-verdade, que é aproveitado para propagação de forma maciça do conteúdo.

3.2. COMO CULPAR OS TORTURADOS PELA TORTURA? A MANIPULAÇÃO DA DESUMANIZAÇÃO DO INIMIGO

Chegando no tema de análise principal, como o filme, 1964 – Entre armas e livros, trata com a tortura perpetrada pelo estado brasileiro na ditadura empresarial-civil-militar? A resposta encontrada pelos que produziram tal material é escancaradamente desonesta e perversa.

Antes de pontuar de forma breve a temática sobre tortura, que não é destacada nos subtemas, mas se encontra entre [1:21:12](#) e [1:28:58](#), a Brasil Paralelo, faz questão de criar uma narrativa contraditória aos documentos primários sobre o tema, vindo a criar um imagético puramente anticomunista, em especial nos seguintes trechos:

NARRADOR:

Mesmo antes de 1964 guerrilhas rurais e movimentos armados já existiam e estavam determinados em fazer a revolução. Pós o 31 de março esses grupos passam a adotar métodos hediondos e submetem o Brasil a anos tenebrosos. O terrorismo revolucionário se torna cotidiano o crime, o medo e o sangue marcam presença na vida dos brasileiros. Assaltos a banco e a

estabelecimentos comerciais. Explosões de bombas em lugares públicos, fuzilamento e tortura de inocentes. Os revolucionários assassinavam até os próprios colegas que quisessem desistir da luta armada.

(...)

Bandidos e terroristas, hoje reverenciados como heróis nacionais, sequestraram, **torturaram**, assassinaram inocentes em nome de seus ideais. Essa uma verdade pouco noticiada nos anos seguintes pela imprensa e academia brasileira, que tratou tudo como uma luta contra a ditadura e pela democracia.

(...)

Constata-se que toda a narrativa da Brasil Paralelo busca, de alguma forma, desumanizar os membros da esquerda radical, atribuindo a estes a faceta do inimigo a ser combatido. Atribuindo aos resistentes da ditadura, a alcunha de terroristas.

É imperioso destacar que toda essa narrativa é construída com o auxílio de diversos estímulos, dentre eles visuais, com diversas imagens “pulando na tela”, muitas vezes piscando para capturar a atenção do expectador, com fotos de personagens e momentos históricos dos comunistas ou de pessoas que concordavam com as reformas de base, para criar e atribuir a estes o imagético do inimigo perigoso, desumano. Somado ainda com sons que sintonizam com a narrativa para cativar o sentimento de medo, temor e ansiedade. Técnicas que demandam, tempo, dinheiro e são voltadas para o alto estímulo, se enquadrando numa produção que atende aos requisitos do fenômeno da pós-verdade.

Além disso, constata-se que apesar de se intitular “imparcial”, na verdade, conforme demonstrado anteriormente, o discurso da Brasil Paralelo se enquadra na ideologia de extrema-direita, ao passo que **tenta culpabilizar as vítimas de seus atos desumanos, criando uma inversão na realidade dos fatos**, no intuito de propagar, assim como os revisionistas dos regimes Salazarista e Franquista, a narrativa de que a matança e o perigo teriam ocorrido por culpa dos comunistas.

Percebe-se ainda que se tenta passar a ideia de que quem tomou a iniciativa nos atos hediondos eram os membros da esquerda radical, outro elemento já pontuado como estratégia vinculada a extrema-direita, fato notoriamente revisionista, conforme já apontado.

Merece ainda destaque para a seguinte afirmação entre 1:31:00 e 1:31:33:

Começa a tomar forma de uma maneira mais definitiva e irredutível a aniquilação das lideranças civis o regime começa a assumir a cara que a linha dura queria um regime tecnocrático um regime dos militares promovendo

desenvolvimento de cima da sociedade das instituições e da economia. A partir daí não há como tratar essa situação política, tecnicamente falando de outra forma que não como uma ditadura. **Há uma ditadura militar no Brasil a partir de 1968.**

Diante de todos os trechos até agora apresentados, nota-se que as guerrilhas e a esquerda são ressaltadas como perigosas, desumanas e assassinas, inclusive, dando a entender que **estas começaram com as torturas e os assassinatos, ao passo que os atos dos militares foram respostas as agressões sofridas não se tratando de mecanismo do estado, além de que a ditadura somente teria começado em 1968.**

Sendo assim, diferente do informado pela Brasil Paralelo, e trazendo a perspectiva dos resistentes, as torturas, já foram vividas e noticiadas pelos meios de comunicação **em dois de Abril de 1964**, a exemplo, na cidade de Recife no Estado de Pernambuco, **Gregório Bezerra**, ativista das ligas camponesas, ex-líder comunista torturado em praça pública, pelo **Coronel Darci Vilocq e outros**, que o amarraram, espancaram com ponta-pés, socos e com uma barra de ferro. Insatisfeitos, os militares ainda tentaram empalá-lo com a barra. Não bastando amarraram uma corda em seu pescoço e o arrastaram, mesmo ensanguentado, pela praça pública, primeiro sendo puxado pelo Coronel e depois por um Jipe, quando foi arrastado pelo pescoço. Gregório contava com 64 anos. A cena foi fotografada e consta no arquivo público, junto com seu processo (Arquivo Público Estadual de Pernambuco, 2012).³

O caso acima é um dos poucos que conseguiu ser registrado, pois o golpe de 1964, já inicia com a violência extrema desde os primeiros dias, com sequestros, torturas e assassinatos. Ressaltando que no campo, a repressão ocorreu de forma diferente do que no meio urbano, sendo mais violenta contra a população, ao passo que apesar da ausência de documentos em alguns casos, as provas testemunhais dos que sobreviveram são fartas, podendo ser encontradas no acervo da Comissão Nacional da Verdade.

Sendo assim, cabe questionar, a quem interessa omitir o sequestro, a tortura e o assassinato daqueles que se mostravam contrários ao golpe? E mais, a quem interessa moldar uma imagem desumana daqueles que se propunham a lutar pelos direitos dos trabalhadores e do bem comum? É preciso questionar, o que se está

³ <https://www.comissaodaverdade.pe.gov.br/index.php/gregorio-lourenco-bezerra-pdf>

justificando na narrativa da Brasil Paralelo? O que se pretende gerar ao se omitir, e consequentemente mentir, sobre os verdadeiros perpetradores dos atos desumanos marcados com a ditadura-empresarial-civil militar de 1964?

Passando para o argumento de que a tortura não funcionaria como mecanismo do estado e ignorar o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), em especial seus feitos de espionagem, investigação, perseguição e tortura contra todos aqueles que fossem etiquetados como comunistas, **é uma afronta as capacidades cognitivas dos expectadores**, vez que a documentação é amplamente estudada e foram verificadas as atuações acima descritas, inclusive, em conjunto com o Serviço Nacional de Informação (SNI) e a própria Polícia Federal (SILVA, 2007).

Por fim, destaca-se, também o seguinte trecho:

Com o terrorismo comunista cada vez mais crescente, A esquerda radical deu o pretexto para que a população sentisse medo e a linha dura do exército conseguisse expandir seu poder. **E foi nesse ambiente de guerra que psicopatas torturadores e criminosos de ambos os lados se valiam para praticar as suas perversidades em nome de uma causa.**

É possível verificar que a produção dá a entender que a tortura foi perpetrada de **forma igual pelos dois lados**. Nessa perspectiva é importante ressaltar as palavras de Alberti (2021) sobre a equivalência dos “lados” no que tange a ditadura empresarial-civil-militar:

Creio que, ao ensinar a ditadura militar, uma das questões com as quais precisamos lidar é a ideia distorcida de que os crimes cometidos pelo Estado são da mesma ordem que aqueles que teriam sido cometidos pelas organizações que resistiram à ditadura – aquilo conhecido na Argentina por “teoria dos dois demônios”(GONZÁLEZ, 2018) e que no Brasil geralmente aparece sob o argumento de que também é preciso considerar “o outro lado”, como se “dois lados” equivalentes tivessem se confrontado durante o período (e como se, na história e na vida em sociedade, sempre houvesse apenas dois lados e não uma multiplicidade de perspectivas).

Seguindo essa linha de raciocínio, Alberti (2021), questiona sobre o tratamento dos que resistiram a ditadura e os que resistiram ao nazismo:

Quando ouvimos relatos de pessoas que resistiram à ditadura organizando transportes de armas, realizando atentados e sabotagens, algumas vezes achamos que essas atitudes podem não ter sido corretas. Mas quando nos damos conta de que muitas pessoas praticaram essas ações para resistir à ditadura nazista, percebemos que, nesse caso, isso geralmente não é visto como incorreto. Por que será que ocorre essa diferença de visão? (ALBERTI, 2018, p. 129)

Percebe-se, como bem abordado por Verena Alberti, trazer a equivalência dos “dois lados” é uma falácia que não considera os diversos fatores presentes no contexto. Além de que, penalizar os resistentes de um regime governamental opressor, como o caso nazista não é visto como incorreto. No entanto, novamente, por que será que a Brasil Paralelo faz tanta questão de desumanizar aqueles que buscaram direitos básicos por vias democráticas? A exemplo de Gregório Bezerra e os membros das ligas camponesas na luta pela reforma agrária e pelas reformas de base. Por que “pintam” uma imagem perigosa dos comunistas que após serem perseguidos e torturados, resolveram revidar? **Os trabalhadores devem aceitar quaisquer medidas impostas?** Regime democrático não é o governo do povo?

A Brasil Paralelo comenta sobre como os comunistas eram o perigo a ser combatido, quase como seres desprovidos de humanidade. Todavia, é importante ressaltar, que **em momento algum é mencionada a participação da classe burguesa-empresária e latifundiária**, principalmente no incentivo e fomento a ditadura, a exemplo dos empresários. Por que será que a Brasil Paralelo não faz uma única menção a esta participação? Qual a conexão entre desumanização e a participação dos empresários, burgueses e latifundiários na ditadura?

Neste ponto é imperioso mencionar, Henning Albert Boilesen, que presidiu a empresa Ultragaz, e **fazia questão**, assim como outros empresários, de participar das sessões de tortura, vindo inclusive a importar um aparelho que recebeu seu nome, chamado, “pianola Boilesen” um instrumento de tortura que soltava descargas elétricas contínuas e crescentes, enquanto a pessoa estava sentada na cadeira do dragão (LITEWSKI, 2009).

A terminologia utilizada neste trabalho, qual seja, ditadura-empresarial-civil-militar, não se dá de forma gratuita. Conforme demonstrado, este período de exceção da história brasileira contou com apoio de diversos campos minoritários no intuito de reprimir uma maioria que buscava melhores qualidades de vida.

Destaca-se que no caso da participação empresarial, o caso Boilesen não foi uma exclusividade, vindo a diversos outros empresários a financiarem os atos repressivos da ditadura.

Não se pode deixar de ressaltar, por que a Brasil Paralelo não menciona que na ditadura empresarial-civil-militar, diversas empresas tiveram levantes e lucros estratosféricos, como no caso da comunicação e em paralelo, o arrocho salarial da classe trabalhadora foi regra? Será que há uma conexão entre redução da qualidade de vida dos trabalhadores, aumento do lucro dos grandes empresários e a ditadura?

Constata-se que toda a narrativa da Brasil Paralelo, se baseia, conforme demonstrado, na metodologia revisionista apontada por Naquet e Melo. Se enquadrando, nos moldes da ideologia da dita extrema-direita.

Assim, o filme, 1964 – Entre armas e livros, ao tratar da tortura, é notadamente revisionista, ao passo que tenta manipular o expectador a crer que as torturas e atos desumanos cometidos durante o período de exceção foram primordialmente cometidos pelos comunistas e que o estado brasileiro, através dos militares, somente teria reagido. Fato que é notoriamente inverídico.

No entanto, essa manipulação, se torna possível, a partir do momento que se busca não a busca da verdade sobre o período histórico, mas a propagação ideológica, esta que é realizada nos moldes da pós-verdade, ao passo que busca gerar no expectador a situação em que, o sentimento de medo ao comunismo deve ser superior, em termos de validade e verdade, as provas objetivas que desmentem tal narrativa.

Assim, a Brasil Paralelo explora temas sensíveis, em especial a tortura, de forma a criar medo nos expectadores, mas manipulando a narrativa, ocultando documentação, no intuito de levar a crer que as vítimas das torturas são culpadas ou pior, foram as provocadoras das torturas e desumanizações perpetradas no período de exceção da ditadura empresarial-civil-militar.

Soma-se que basta uma pesquisa simples para ter acesso a Comissão Nacional da Verdade (CNV), dentre outros documentos, livros, periódicos e entrevistas. Sendo possível constatar o nível de desinformação e tentativa de manipulação ideológica que a Brasil Paralelo tenta fazer através de suas produções, ao passo que omite fatores essenciais do período, no objetivo de “pintar” um lado como injustiçado pelos historiadores.

Todavia, no período da pós-verdade, onde os trabalhadores não possuem tempo de pensar e estão muitas vezes limitadas as suas “bolhas”, ao passo que essa produção, assim como outras podem alcançar o seu objetivo e fincar a ideologia de extrema-direita na população, levando esta a atuar de forma contrária aos seus próprios interesses.

4. SOBRE A NECESSIDADE DE REFORÇAR O ENSINO CRÍTICO

A manipulação da extrema-direita, no fenômeno da pós-verdade, é demasiadamente perigosa, pois apresenta uma metodologia que se mostrou exitosa na manipulação das massas em outros períodos da história, mas agora com produções revisionistas de linguagem simples, de alto estímulo sensorial, e apesar de faltar fundamentos que conectem com a realidade dos fatos, consegue, infelizmente, levar o espectador a acreditar, mesmo que minimamente no que é mostrado, através do fomento dos afetos. E no ambiente da pós-verdade, o “verdadeiro” não importa, mas o que se acredita ser verdade através de um vínculo emocional criado, através do medo.

Sendo assim, temas sensíveis, como a tortura praticada pelo estado brasileiro durante a ditadura iniciada em 1964, são vistos como atos “justificáveis”, até por vezes, necessários, frente ao enfrentamento do grande inimigo ideológico da vez, no caso, os comunistas.

Tendo isso em vista, como fez com o IBAD e o IPES, agora no contexto da pós-verdade, a Brasil Paralelo produz conteúdos apelativos, estimulantes, e rápidos, com alta propagação nas redes sociais, utilizando da vulnerabilidade dos indivíduos pelo uso imoderado das telas, para vilipendiar a história e a memória dos trabalhadores. No intuito de, novamente, através da manipulação ideológica da extrema-direita, já sedimentada em diversos campos sociais, justificar as próximas medidas exploratórias em momentos de crise do capital.

Constatada essa situação, como aborda Alberti (2021), o ensino de história não pode mais ficar limitado a dizeres como, o nazismo ou a ditadura foram ruins. É preciso ensinar a pensar de forma crítica. Além de ensinar como ter acesso as fontes primárias, bem como utilizá-las em sala de aula, como as disponibilizadas pelas

comissões da verdade, no intuito de tentar fazer com que os estudantes percebam em que lado a sua classe, a sua posição, e seus semelhantes estiveram nesses períodos de exceção. Além de demonstrar os fatos do presente que são provenientes desses momentos históricos.

Nesse sentido, é necessária uma mudança não só na tratativa das informações disponibilizadas, mas tecer um caminho que permita o educando enxergar elementos que compõe a sua realidade e sua capacidade de alterá-la.

Sendo assim, é necessária uma mudança não só na forma como os professores vão conduzir a aula, mas uma quebra com o ensino positivista, bancário tecnicista, por um ensino crítico, humanitário e social. O que demanda uma mudança radical nas estruturas do estado brasileiro, para que enxergue a sua população, não mais como um inimigo interno, mas como fator essencial e prioritário do estado, no que concerne a educação e qualidade de vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A velocidade do desenvolvimento tecnológico da distribuição de informações não irá diminuir, pelo contrário, a tendência é aumentar, como vem sendo demonstrado através dos desenvolvimentos das Inteligências Artificiais, e com isso tornar mais evidente o fenômeno da Pós-verdade, a propagação ideológica da extrema-direita e desumanização da classe trabalhadora.

Tendo em vista esse cenário, com a possibilidade de modificação da percepção da realidade, na qual ignora objetivamente documentos e provas que vão de encontro a afetividade ou crença do indivíduo, se torna perigoso defender a ciência e pesquisas com anos de estudo, vez que a intolerância da extrema-direita, conforme demonstrado na história, age de forma a ELIMINAR aqueles que pensem minimamente diferente do estabelecido pela ideologia.

Sendo assim, clamo coragem a todos pesquisadores, educadores, profissionais dentro e fora da academia, que buscam uma melhora da sociedade através do diálogo, de suas pesquisas, de suas aulas, de seus trabalhos, de suas escutas, de suas participações, que nós propaguemos uma construção humanitária da sociedade, essa, que somente pode ser feita através de um ensino crítico, participativo e inclusivo.

Desta forma, os profissionais de educação precisam, atuar para além da sala de aula, agindo ativamente no meio digital e mais, na comunidade que está inserido.

6. REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Ditadura militar brasileira nas aulas de História**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 13, n. 33, e0102, maio/ago. 2021.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180313332021e0102>

ARAÚJO, C. A. A. O fenômeno da pós-verdade: Uma revisão de literatura sobre suas causas, características e consequências. **Revista de comunicação, cultura e política**, ALCEU —v. 20 —n.41 —jul-set/2020

Disponível em: <https://doi.org/10.46391/ALCEU.v20.ed41.2020.79>

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL DE PERNAMBUCO. (2012). Subsérie PCEEP, Gregório Lourenço Bezerra. Recife, PE.

Disponível em: <https://www.comissaodaverdade.pe.gov.br/index.php/gregorio-lourenco-bezerra-pdf>

BRASIL PARALELO. Conheça o Projeto Mecenaz, a iniciativa social da Brasil Paralelo. Brasil Paralelo, 23/12/2024.

Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/projeto-mecenas-brasil-paralelo>

BRASIL PARALELO. Ditadura Militar no Brasil ou Regime Militar? Entenda definitivamente como foi o Golpe de 64. Brasil Paralelo, 26/07/2021.

Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/ditadura-militar-no-brasil>

CÉSAIRE. A. **Discurso sobre o Colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

DREIFUSS, R. A. **1964: A conquista do Estado** – Ação Política, Poder e Golpe de Classe. Rio de Janeiro: Editora Vozes LTDA, 1981, 2ªed.

GRANJEIA, J. Brasil Paralelo: quem financia a produtora que milita contra o direito ao aborto. **Brasil de Fato**, 17/07/2024.

Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/07/17/brasil-paralelo-quem-financia-a-produtora-que-milita-contr-o-direito-ao-aborto/>

LITEWSKI, C (2009). Cidadão Boilesen. Brasil: Documentário.

MARTINS. D. da. Silva. **O revisionismo histórico da Brasil Paralelo**: alguns apontamentos e possibilidades de enfrentamento. Revista Angelus Novus. São Paulo, ano XV, n. 20, 2024 • ISSN 2179-5487

Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-5487.20.2024.220575>

MELO. D. **A miséria da historiografia**: uma crítica ao revisionismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

MENESES, S. **Os vendedores de verdades**: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história (2010-2020). Revista Brasileira de História, 2021

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-05>

NAQUET. P. V. **Os Assassinos de Memória**: O revisionismo na História. São Paulo: Papyrus, 1988.

PARALELO, B. 1964 - O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO). Youtube, 02/04/2019.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg&t=3890s>

SIEBERT.S.; PEREIRA. I. V. **A pós-verdade como acontecimento discursivo**. Universidade do Sul de Santa Catarina. Santa Catarina, Volume: 20, 2020 • ISSN 1982-4017.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017/200201-00-00>

SILVA, M. G. da. **INFORMAÇÃO, REPRESSÃO E MEMÓRIA**: A construção do estado de exceção no Brasil na perspectiva do DOPS-PE (1964-1985).2007.266f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.